

CRÔNICA. CHRONIQUE. CRÓNICA.

CRÔNICA. CHRONIQUE. CRÓNICA.

*Lúcia Granja*¹

RESUMO: Neste artigo, analisamos algumas das características da formação crônica brasileira no século XIX, a partir da ocupação do espaço das páginas dos jornais na primeira metade do século XIX. Nossa perspectiva está centrada na compreensão das trocas culturais, indicando que um estudo mais aprofundado da crônica precisa levar em conta as relações entre os países americanos e europeus, sem desconsiderar os movimentos interamericanos e sua importância no processo de estabelecimento dos jornais e formas jornalísticas no Brasil e na América. Como exemplo desse processo cultural amplo a ser um dia mais conhecido, analisamos um dos efeitos da travessia e inserção do gênero textual adaptado ao longo do tempo ao espaço do rodapé dos jornais quotidianos brasileiros, indicando, como conclusão, pontos de comparação no que diz respeito ao acolhimento da crônica em países americanos hispanofônicos.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica. Jornalismo literário. Brasil. França. América-Latina.

ABSTRACT: This article analyzes some characteristics concerning the rise of the Brazilian serial columns [crônica] in the nineteenth century. One of the main concerns is the analysis of the issue and occupation of space in newspaper's pages. We focus also on indicating cultural exchanges and showing that the studies of serial columns must consider the relationships between American and European countries, as well as the inter-American movements and their importance to the process of establishing newspapers and journalistic forms in Brazil and America during the nineteenth's. As an example of this cultural process, we analyze one of the effects of this textual genre adapted to the bottom of the pages of Brazilian daily newspapers, indicating, in conclusion, some points of comparison about the rise of serial columns in American Spanish-speakers countries.

KEYWORDS: Serial columns. Literary journalism. Brazil. France. Latin-America.

¹ Professora de Literatura Brasileira (UNESP, câmpus de São José do Rio Preto)

1 DA EUROPA À AMÉRICA: A CRÔNICA BRASILEIRA

Uma pesquisa coletiva recente, que descreve a relação entre as imprensas na França e México do XIX (ANDRIES e SUARÉZ DE LA TORRE, 2009) mostra-nos que os fenômenos de transferência e recepção ligados ao novo sistema midiático nesses dois países, no período em questão, são facilmente comparáveis à relação franco-brasileira. Isso reposiciona, como procuraremos indicar, a compreensão da crônica em uma nova geometria, a da necessidade de se circunscrever um quadro dialogal entre esse “gênero brasileiro” e as condições, tanto de especificidade como de similaridade, entre os efeitos decorrentes dos empréstimos, adaptações, traduções, recriações e imitações no interior do continente americano, assim como de um continente a outro. Nesse processo, a Europa pode nos servir de modelo, mas não forçosamente de maneira sistemática. Convém, ainda, questionar o valor da noção de “América Latina” no processo de construção identitária das novas repúblicas emergidas das lutas da independência, sempre pensando que, no XIX, os jornais foram os suportes nos quais as elites locais expressaram o seu desejo de se apropriar das referências europeias para estabelecer sua ruptura com o passado colonial.

O primeiro passo para isso é pensar a crônica em seu desenvolvimento brasileiro. Nesse sentido, podemos dizer que estudar e editar parte das crônicas que Machado de Assis escreveu por quase quarenta anos ao longo XIX deixa ao pesquisador desse “gênero brasileiro” a certeza de que, naquela século, novidade literária e escrita jornalística são atividades interligadas e inseparáveis (GRANJA, 2000; ASSIS, GRANJA e CANO 2008; ASSIS, GLEDSON e GRANJA, 2008). Mais surpreendente, porém, é descobrir que esse processo faz parte de um efeito midiático muito mais amplo, nascido, certamente, da vasta circulação que os impressos, em geral, e o jornal, em particular, conheceram ao longo do século XIX, fenômeno descrito por alguns dos mais importantes estudiosos franceses da relação entre impressos, leitura e literatura no XIX como sendo parte de uma “civilização do jornal” que se estruturou naquele século (KALIFA, RÉGNIER, THÉRENTY e VAILLANT, 2011).

Nesse contexto, sabemos que, ao longo do XIX, a difusão dos impressos franceses nos países americanos tornou-se cada vez mais vasta e importante. Quer fossem para a ex-

colônia portuguesa, quer para as ex-colônias espanholas, francesas ou inglesas, tanto os romances-folhetim quanto as notícias, até pelo menos a instalação do cabo telegráfico submarino no início dos anos 1870, “viajavam de barcos durante semanas: eram enviadas da França ou Inglaterra até Portugal para dali empreender a viagem marítima até Buenos Aires, com escalas em Rio de Janeiro e Montevideo” (ROTKER, 2005, p.95, tradução nossa²), muitas vezes também com escala no México. Variados fenômenos ligados à circulação e recepção desse material eram semelhantes nos países da América-Latina. Por exemplo, segundo Nicole Giron (2001, p.59) o *Atlas histórico do México*, coordenado por Enrique Florescano em 1983, apontou taxas de analfabetismo de 80% a 90% para a população desse país no XIX, dados comparáveis e semelhantes aos brasileiros (GUIMARÃES, 2004, p.65-66). Nessas condições, a explicação que Nicole Giron encontrou para a numerosa tiragem dos impressos e grande circulação de jornais, revistas, almanaques e livros no XIX mexicano é, ainda uma vez, similar à que encontramos no Brasil:

Tem-se repetido que a população mexicana, mesmo a urbana, era, em sua maior parte, analfabeta; também se tem afirmado que, graças à prática da leitura em voz alta, uma grande porção das pessoas iletradas podia tomar conhecimento da informação escrita (GIRON apud ANDRIES e SUÁREZ DE LA TORRE, 2009, p.11, tradução nossa³).

Além disso, considerando o campo das afinidades interamericanas, sabemos que a circulação da imprensa no XIX, quer tomemos uma escala nacional, transamericana ou transcontinental, constitui-se em uma das fontes e importante caminho para a difusão do nacionalismo, sendo, ao mesmo tempo, meio para a sua transposição. Nas palavras de Alain Vaillant, “essas mesmas transferências [culturais] que contribuíram para os movimentos de afirmação da Independência dos países americanos os impulsionaram à ultrapassagem das fronteiras nacionais e ao engajamento no movimento de globalização” (VAILLANT, 2009, p.115, tradução nossa⁴).

Todo esse movimento resultou, ao longo do século XIX, na instauração de algumas práticas culturais derivadas da circulação de ideias, assim como em trocas materiais e simbólicas. Entre as inúmeras consequências culturais da circulação dos impressos, quando estudamos os jornais daquela época, nossa atenção recai sobre as rubricas dos jornais, as quais analisamos, neste texto, sob a ótica da estreita vinculação entre escrita jornalística e novidade literárias no XIX, mas também tendo em vista que o “sistema de rubricagem”⁵ dos jornais cotidianos do XIX inventa “um sistema complexo e um pouco disparate de ordenação do mundo, com uma tipologia que fala tanto do mundo quanto da escritura que diz o mundo” (THÉRENTY, 2007, p.78, grifo nosso).

No mosaico das páginas do jornal, o todo se faz da aparente colagem de fragmentos, mas existe ali um movimento poético menos visualizável, mas igualmente poderoso, que permite ao periódico cotidiano falar do mundo e dizê-lo por meio de sua escrita

² viajaban en barco durante semanas: eran enviadas desde Francia o Inglaterra hasta Portugal, para desde allí emprender el recorrido marítimo hacia Buenos Aires, con escalas en Rio de Janeiro y Montevideo.

³ Se ha repetido que la población mexicana, aun la urbana, era mayormente analfabeta; también se ha afirmado que, gracias a la práctica de la lectura en voz alta, una gran porción de personas iletradas podía tener conocimiento de la información escrita.

⁴ “ces mêmes transferts qui ont contribué pour les mouvements d’affirmation de l’Indépendance des pays américains, paradoxalement, les ont poussé à outrepasser les frontières nationales en s’engageant dans la mondialisation”.

⁵ A partir dos estudos de Marie-Ève Thérenty (2007, p.77-80), compreendemos a “rubrica” como o espaço regularmente atribuído por um periódico – notadamente pelos jornais diários - a certo tipo de notícia e de escrita, ao passo que o “sistema de rubricagem” corresponde ao ordenamento dessas rubricas/notícias no espaço das páginas do jornal.

(THÉRENTY, 2007, p.78): a intensa relação e intercâmbio entre as rubricas dos jornais, da qual uma das características seria, por exemplo, o efeito de porosidade entre os textos-seções (rubricas) dos jornais.

A partir daí, pensando no movimento França-América, observamos, ao analisar um exemplo brasileiro, que os textos dos jornais recriados a oeste do Atlântico adotavam nomenclaturas similares às das rubricas dos jornais europeus, mas ganhavam, nas novas nações americanas, especificidades importantes. Temos também que estudar essa transposição de rubricas, relacionando-a a um maior conhecimento da formação da crônica no Brasil, neste texto, funcionará como uma espécie de metonímia de uma circulação muito mais ampla de formas e gêneros textuais, assim como dos bens culturais entre os países europeus e americanos no XIX, uma era inaugurada, para os impressos, pela evolução técnica dos meios de impressão e encurtamento das distâncias que possibilitou uma maior difusão dos impressos.

2 POLÍTICA E PLASTICIDADE NA FORMAÇÃO DE UM GÊNERO BRASILEIRO

Em 16 de junho de 1878, Machado de Assis escreveu uma longa parte de sua crônica semanal, utilizando-se da autoridade de sua posição de cronista ou de seu discurso de análise dos outros discursos. Leiamos um pequeno trecho, abaixo:

Venhamos à boa prosa, que é o meu domínio. Vimos o lado poético dos foguetes; vejamos o lado legal.

(...)

Duas coisas (...) perduram no meio da instabilidade universal: 1.º - a constância da polícia, que todos os anos declara editalmente ser proibido queimar fogos, por ocasião das festas de S. João e seus comensais; 2.º - a disposição do povo em desobedecer às ordens da polícia. (...)

Que tal? Infelizmente não disponho de tribuna, sou apenas um pobre-diabo, condenado ao lado prático das coisas; de mais a mais míope, cabeçudo e prosaico.

(ASSIS, GLEDSON e GRANJA, 2008, p.110-111)

Como podemos observar no trecho acima, o narrador-cronista vangloria-se de sua posição vantajosa, a da tribuna do jornal, mas, por meio de uma frase de ironia retórica, relativiza a sua própria afirmação, pois, ao declarar que a prosa é seu domínio, cria, imediatamente, a ambiguidade entre a forma de expressão da linguagem escrita ou falada e o sentido de “conversa informal” que carrega tal substantivo. A partir daí, inicia uma conversa com seus leitores, na qual inclui reflexões em sentido amplo sobre a ética política. Não nos aprofundaremos mais nesses comentários, mas eles servem aqui para exemplificar que, à roda dos anos 1880, o mais importante cronista brasileiro da época promovia a educação do seu público na conversa semanal da crônica, incluindo nela a política, em sentido amplo, ou comentando fatos específicos. Esse diálogo é ainda extremamente apoiado em esquemas retóricos, que se constituem, assim, em uma das colunas sobre as quais se estrutura o discurso do narrador-cronista, o qual parte da ideia de conversação de salão, mas transforma-a em um diálogo exigente entre narrador-cronista e leitores. Assim sendo, estamos, no Brasil dos anos 1880, diante de características similares às da crônica francesa dos anos 1835-1840, segundo a descrição que Marie-Ève Thérenty fez dela para os escritos daquela que ela considera a fundadora do gênero crônica na França, o Vicomte de Launay⁶, ou Delphine de Girardin

⁶ De acordo com Thérenty e Vaillant (2001, p.68-69), em 1836, “o ano I da era midiática”, a crônica apresenta-se como uma lista heteróclita de acontecimentos e guarda um respeito total ao contrato referencial; ela faz um repertório dos fatos da véspera e segue uma hierarquia de assuntos. No caso da política, a hierarquia era

(THÉRENTY, 2011, p.957-958). Nesse caso, de acordo com Thérenty e Vaillant (2001, p.6869), em 1836, “o ano I da era midiática”, a crônica apresentava-se, no jornal *La Presse*, como uma lista heteróclita de acontecimentos e guardava um respeito total ao contrato referencial, fazendo um repertório dos fatos da véspera e seguindo uma hierarquia de assuntos. No caso da política, essa hierarquia era nobiliária, o dia do rei, da família real, da corte e, só então, o da cidade. Por fim, os comentários daqueles cronistas d’além-mar, nos anos 1835-40, descolavam-se pouco da notícia e não eram digressivos.

Comparando as épocas e espaços, vemos que no Brasil de quase final do XIX, os assuntos relativos à política funcionavam como pilares da crônica. Isso nos mostra que insistimos durante anos na formatação nacional desse primeiro modelo francês da crônica. Jefferson Cano, em um texto recentemente publicado, desenvolve hipóteses muito interessantes a respeito dessa incorporação tão importante da política ao gênero crônica, mostrando-nos, por exemplo, como o fato de a política ser matéria especial da crônica brasileira se deu em função da expulsão do verdadeiro debate político de seus lugares institucionais (CANO, 2015, p.73-106). Mas, paralelamente a essa explicação, temos procurado definir a plasticidade do espaço das páginas dos jornais como outra fonte para os assuntos desenvolvidos na crônica, bem com para os tons empregados por esse texto, ou seja, temos a própria estruturação das páginas e rubricas como forma de definição do gênero textual jornalístico.

Para isso, a primeira ideia que reforça essa tentativa de definição é a de que as formas de sociabilidade menos diversificadas na capital do Império brasileira, em relação àquelas estampadas como assuntos nas páginas dos jornais franceses, sobretudo parisienses, fizeram do rodapé brasileiro um espaço ainda mais adaptável do que ele o fora na França, ou em outros jornais europeus. Assim sendo, analisando sistematicamente o *Jornal do Commercio* na primeira metade do XIX⁷, pudemos constatar que o espaço físico e a periodicidade de cada tipo de série publicada nos rodapés não era muito determinada, salvo exceções como no caso dos folhetins líricos que Martins Pena publicou naquele espaço nos anos 1846-47. Nem mesmos os romances-folhetim contavam com aparições precisas e exatas e se podia mutilar os capítulos desses romances segundo as necessidades tipográficas do jornal (GRANJA, 2015, p.131-144), o que resultava em coabitações de textos de diferente natureza no mesmo espaço e, no limite, em modificações no corte dos capítulos do folhetim. No primeiro caso, observemos os textos que ocuparam o rodapé do *Jornal do Commercio* em 4 de janeiro de 1839⁸:

nobiliária, o dia do rei, da família real, da corte e, só então, o da cidade. Por fim, os comentários daqueles cronistas d’além-mar descolavam-se pouco da notícia e não eram digressivos.

⁷ A leitura e tabulação de dados do *Jornal do Commercio* foram realizadas por meio do projeto de Iniciação Científica –PIBIC/CNPq, desenvolvido pela aluna Isadora Carvalho Costa, *Por uma Poética do Jornal do Commercio: as rubricas “Folhetim” e “Variedades”*.

⁸ Devo este dado ao trabalho de Iniciação Científica PIBIC de minha aluna Isadora Carvalho Costa (*Por uma Poética do Jornal do Commercio: as rubricas “Folhetim” e “Variedades”*), a quem agradeço, assim como ao CNPq/Reitoria da UNESP pela bolsa a ela concedida.

Figuras 1 e 2 - Jornal do Commercio, 04 de janeiro de 1839



Fonte: Arquivo Edgar Leuenroth/IFCH/UNICAMP.

Vemos que o capítulo do romance-folhetim *Edmundo e sua prima*, de Paul de Kock – publicação brasileira que já foi notabilizada por Marlyse Meyer em seu vasto estudo sobre o folhetim, por ser o primeiro romance do gênero traduzido pelo jornal carioca (MEYER, 1996, p.38) –, ocupa, pelos arranjos tipográficos do *Jornal do Commercio*, pouco mais de seis colunas divididas entre o rodapé das duas primeiras páginas dos jornais. Lendo com regularidade o *Jornal do Commercio* e *La Presse* na primeira metade do XIX, observamos que, diferentemente do que se fazia na França, o periódico brasileiro aumentava e diminuía livremente a altura do rodapé (número de linhas), o que significa que uma pequena diminuição na altura do folhetim teria modificado a convivência entre textos no número em questão do *Jornal do Commercio*. No entanto, naquele dia 4 de janeiro de 1839, além do romance, o jornal trouxe, no rodapé, um pequeno artigo de variedades “As janeiras”, que discorria sobre o hábito de se trocar presentes no início do ano. Dessa forma, o espírito já largo da rubrica “Variedades”, que frequentava de maneira importante o alto da página (*haut-de-page*) do jornal, foi incorporado ao rodapé com facilidade, servindo, nesse caso, a uma espécie de manobra em relação à distribuição do texto naquele espaço. No caso do folhetim acima, de 04 de janeiro de 1839, evidentemente, o objetivo era completar as colunas que o capítulo traduzido e publicado do romance-folhetim deixaria em branco, considerando-se a altura de 38 linhas “escolhida” para o arranjo do espaço naquela edição.

Já a respeito das modificações no corte do folhetim, observemos um segundo exemplo:

Figura 3 - Jornal do Commercio, 1º. de novembro de 1851, “rodapé”, p. 1



Fonte: Arquivo Edgar Leuenroth/IFCH/UNICAMP.

Para confirmar a prática, muitos anos mais tarde, do rodapé do *Jornal do Commercio* de 1º de novembro de 1851, selecionamos um segundo exemplo de coabitação de textos, ou a convivência entre a crítica a respeito do folhetim lírico e o romance-folhetim – e lembramos aqui que a crítica teatral passaria a integrar a crônica de variedades inúmeras vezes, o que aponta para a vida social menos diversificada em nossa sociedade, comparativamente àquela

que nos fornecia o modelo de escrita do mundo – em sua relação com a matéria jornalística. Assim sendo, no mesmo espaço do rodapé⁹, Alexandre Dumas e os palcos cariocas disputam a atenção do leitor. Nesse caso, como pudemos verificar em outra ocasião (GRANJA, 2015, p.131-144), existe realmente uma alteração no corte dos capítulos do romance *Deus Dispõe*, de Alexandre Dumas, uma vez que o folhetim-lírico se espreme pela presença do comentário teatral e disso resulta uma alteração importante no gancho entre os capítulos. A consequência direta é que, nesse processo, modificam-se radicalmente as características do romance-folhetim, as quais vinham sendo forjadas diretamente na escrita dos jornais, sob uma das matrizes midiáticas, a da periodicidade (THÉRENTY, 2007, p.49-53).

Retomando, então, os exemplos acima, temos que o romance-folhetim se combina com as variedades, enquanto a crítica de teatros faz par com o romance-folhetim. Seguindo essa mesma ótica de relações, agora em relação à política como assunto do folhetim, observamos, na leitura dos *Jornal do Commercio* de até meados do XIX, que a política restava sempre como matéria possível para esse mesmo preenchimento do espaço em questão, à medida que se compunha facilmente como assunto das variedades. Paralelamente, voltando ainda às questões tipográficas, o espaço da página dos jornais brasileiros da primeira metade do XIX organiza-se, como dissemos, bastante elasticamente, sendo casos extremados os dos exemplos abaixo¹⁰, em que o texto da rubrica “Variedades”¹¹, intitulado “A Sibéria Setentrional” (26/27 de dezembro de 1843), ocupa praticamente toda a segunda página do jornal, o mesmo ocorrendo com o texto que fora publicado em 20 de janeiro de 1843, intitulado “Crônica comercial e industrial. Estatística”:

⁹ Temos comentado, por diversas perspectivas, nos textos aqui citados, as consequências da convivência entre esses diferentes tipos de texto no mesmo espaço. Assim sendo, não nos alongaremos, neste artigo, no desenvolvimento de tal análise.

¹⁰ Devo os exemplos abaixo ao trabalho de Iniciação Científica PIBIC de minha aluna Isadora Carvalho Costa (Por uma Poética do *Jornal do Commercio*: as rubricas “Folhetim” e “Variedades”), a quem agradeço, assim como ao CNPq/Reitoria da UNESP pela bolsa a ela concedida.

¹¹ Tanto no Brasil como na França a rubrica “Variedades” do *Jornal do Commercio* veiculava, por meio de textos aproximados à forma do relato, uma grande variedade de assuntos, entre notícias da política exterior, ou mesmo nacional, assuntos econômicos, questões relativas à sociedade, a viagens, entretenimento etc. Segundo Melmoux-Montaubin, as “Variedades” podem ser definidas como um “pavilhão com ares hospitalares, de cores que mudam, abrigará alternativamente nossos ensaios críticos, os artigos de gênero, os extratos de obras que acabam de sair ou estão em vias de, assim como as resenhas, as sessões públicas, alguns cursos, em uma palavra, tudo o que toca às artes, às ciências, às letras, à agricultura e à indústria” . (MELMOUX-MONTAUBIN, 2011, p. 942).

JORNAL DO COMMERCIO.

Rio de Janeiro, Typographia Imperial e Constitucional de Seignet-Plancher e Compã

Phases da Lua no meo de Janeiro.

☾ Minguento a 2, a 1 h. e 17 minutos da tarde.
 ☽ Nova a 9, a 18 h. e 12 minutos da tarde.
 ☽ Crescente a 17, a 1 h. e 41 minutos da tarde.
 ☽ Cheia a 25, a 7 h. e 9 minutos da manhã.
 ☽ Minguento a 31, a 10 h. e 10 minutos da tarde.
 Temperamento do ar, do dia 18.
 8 horas da manhã..... 81. Fahrenheit.
 Meio dia..... 85.
 4 horas da tarde..... 82.
 Mar: cheia para o dia 20.
 11 h. e 45 m. da manhã, o h. e 1 m. da tarde

O JORNAL DO COMMERCIO se publica diariamente; o preço da Assignatura he de 6,000 Rr. por Semestre, pagas adiantadas. Folha avulsa, 120 Rr.

PREÇOS CORRENTES, 160 Rr. — Para os Assignantes do Jornal do Commercio, 80 Rr.

O AUXILIADOR DA INDUSTRIA NACIONAL se publica no dia 15 de cada mez, 5a pagina d'impressão; 4,000 Rr. por Semestre, pagas adiantadas.

Partida dos Correios.

Ouro Preto, S. João d'El-Rei, e Iguassu, 1, 11, e 21.
 Campos, Macaoh, S. Antonio de S. Novo, Friburgo, e Cantagallo, 2, 12, e 22.
 S. Paulo, 3, 13, e 23.
 Vila-Grande, Paraty, e Miraguariba, 4, 14, e 24.
 Para as Províncias do Norte, e do Sul, a sabida dos Paquetes Nacionais he annunciada em dia fixo.

VARIEDADES.

CRONICA COMMERCIAL. E INDUSTRIAL. STATISTICA.

COMMERCIO GERAL DA GRAN-BRETTANA.

Segundo as relações officiaes do Commercio Britânico, durante o anno findo em 5 de Janeiro de 1832, o valor total das *importações* elevou-se neste mesmo anno a somma de 69,727,108 Libras Sterlinas, 14 Shillings e 6 d., e a somma das *exportações* a 71,431,091 Libras Sterlinas, 2 Sh. e 5 d. Sobre esta ultima somma, as produções manufacturadas contão se por 60,686,561 Lib.Sterlinas, 12 Sh. 10 d.; e excessos he produzido pelas mercadorias estrangeiras, e nacionaes exportadas. Podem-se tirar resultados importantes do exame dos principaes artigos desta tabella. Assim as exportações de França para Inglaterra montão a 3 milhões de Libras Sterlinas, e as importações somente a 900,000 Lib. Sterl., em quanto que o montante destas exportações excede de 9 milhões Sterlinas para a Alemanha, 6 para os Paizes-Baixos, 5 para a Italia, 2 para Portugal, e Russia, e a Turquia, basta pôde melior fazer resgatar a justiça das reclamações de Inglaterra apoiadas por fim pelo commercio Francez, para se obter alguma mudança nas relações commerciaes entre os dous povos.

Além da Europa, as tabellas officiaes apresentão: com a India, e a China, as importações em quasi 8 milhões Sterlinas, e as exportações em 7; com a America Inglesa 10 milhões Sterlinas pelas importações, e 7 pelas exportações; com os Estados Unidos e pelas importações, e 12 e meio pelas exportações; com o Brazil 2 milhões pelas importações, e pouco mais de 2 e meio pelas exportações. A tabella do Commercio no anno findo a 5 de Janeiro de 1833, apresenta os seguintes resultados:

Valor total das *importações*, 44,586,241 Lib., 15 Sh. 8 d.
 Valor total das *exportações*, 70,771,579 Lib., 9 Sh. 8 d.
 das mercês 63 milhões nas quasi de produções manufacturadas. Comparando-se estes resultados com os precedentes, ver-se-ha que o numero das importações diminuiu, e o das exportações augmentou de quasi 5 milhões Sterlinas; circumstancia esta, digna de se notar no movimento commercial da Gran-Bretanha.

CONSUMO DO TABACO NA FRANÇA.

Em 1798 a população em França era de 25,000,000 de habitantes; o consumo diario era de 11,000,000 Kilogrammas (1); o excedente das importações foi de 55,000,000 e meio Kil., em cinco dias de consumo geral. Em 1805 a população foi de 27,500,000 Kil., em quatorze dias de consumo. Em 1790 a população era de 26,700,000 habitantes, o consumo de 13,500,000, e importação-se 155,000,000 e meio Kil., ou doze dias de consumo.

O movimento de importação, e exportação cessou inteiramente depois desta ultima epocha até 1800. Em 1800 e 1803 as exportações excederão as importações. Em 1804 e 1805 as importações foram ao contrario mais fortes, que as exportações. De 1804 a 1810 as exportações excederão novamente ás importações. Em 1811, 1812, e 1813 a França não-se obrigou a importar trigos estrangeiros. No principio destes annos importou 98,000,000 Kil., oito dias de consumo geral; nos outros dous importou 130,000,000, ou nove dias de consumo. Em 1814 e 1815 a França exportou. De 1816 a 1821 inclusive, tornouse a comprar as importações; em 1816, 1817, e 1818 foram iguaes a dez, doze, e onze dias de consumo geral. De 1822 a 1827 inclusive, as exportações tornouse a ser maiores. De 1828 a 1832, ao contrario, as importações foram consideráveis; em 1829, 153,000,000 e meio Kil., doze dias de consumo; em 1830, 166,000,000 e meio Kil., doze dias de consumo; em fim, em 1832, 348,000,000 e meio Kil. de trigos estrangeiros, ou vinte e dous dias de consumo geral.

Durante estes 55 annos temos tido 20 annos de deficit, no intervalo dos quaes devemos ter tido do estrangeiro alguma massa de trigo igual a 172 dias de consumo total da França. Durante o mesmo periodo a produção passou a ser abundante nos 26 annos, e fornece-se aos estrangeiros alguma massa de trigo igual a 148 dias do consumo da França. Houverão nove annos sem exportações, nem importações.

O total das importações de 1798 a 1832,

(1) O Kilogramme vale pouco mais de dois libras.

he Kilogrammas..... 2,985,957,100
 O total das exportações no mesmo inter..... 1,891,944,000
 ou 64 dias de minuição em hum periodo de 36 annos.

O excedente he..... 1,094,013,100

Nestes calculos ha indicios de diferente natureza. Logo a necessidade em que se acha a França, a pesar da fertilidade de seu terreno, de receber a substancia dos seus vizinhos, prova superabundantemente o quanto a sua agricultura está em atraso. Tambem convem que se saiba, que as leis que tocam na importação dos cereaes estrangeiros em tempos de carestias, não produzem outro effeito senão o fazerem encarecer o preço de hum genero e mais necessario de todos, no momento em que por causas diversas naturaes, este genero está já hum preço de mais do que o necessário para as necessidades pecunarias do publico. A taxa dos cereaes crece sempre, como se tomasse, mas pessoas pobres; he como se se lhes dissesse: Vantão não poderdes pagar o vosso pão quatro sous, nós vamos vo-lo vender por cinco.

CONSUMO DO TABACO NOS ESTADOS-UNIDOS.

Hum Cidadão dos Estados-Unidos calcula, que existão na União Norte-Americana 400,000 pessoas que fumão cigarros, e desta sorte reduzem por anno 900,000 dollars a fumo; o mesmo calculista conta 600,000 indivíduos que usam tabaco, e 500,000 que tomão rapé, cuja recitação vem a lhes custar por anno 700,000 dollars.

MARSELLA.

No espaço de cinco annos a população de Marsella teve o augmento de 20,000 habitantes. Era de 110,000 em 1827; hoje eleva-se a mais de 145,000. O commercio desta Cidade tem adquirido sempre hum augmento progressivo; as receitas dos direitos d'Alfandega, que em 1814 não subião a mais do que a 4,171,000 fr., montão em 1830 a 23,250,000 fr., e em 1832 produzirão 28,916,000 fr.

ALAMPADAS DE LOCATELLI.

Nos trabalhos subterraneos da estrada de ferro, que está se construindo em Saint Etienne, tratou-se de evitar os accidentes, que a falta de claridade pôde occorrer. Para chegar a este fim, os empresarios acobardaram a Leter em Tere e Noire humas experiências com humas alampadas de Locatelli, composta de cinco pequenos lucos, e segundo o *Mercurio Siquetien*, eis aqui os resultados, que se obtiveram:

A 400 pés de distancia da alampada, era facil ver a hum relógio as horas que erão. A 150 pés podia-se ler facilmente. Dez alampadas collocadas nesta parte do subterraneo, que tem 1,500 metros de comprimento, bastarão para o esclarecer perfectamente.

Este engenhoso systema de illuminação he vantajosamente conhecido pelo seu processo assis economico, e applicavel a todas as Officinas de industria.

RIQUEZA MINERAL.

Eis aqui, segundo as indagações de hum celebre Geologo, o Sr. C. F. Schmidt, a quantidade annual de metais preciosos, que são produzidos actualmente nos diversos Estados da Europa, inclusive a Russia Asiatica.

Paiz	Quantidade
Russia.....	3,834 libras..... 46,915 libras.
Prussia.....	10,260
Saxonia.....	29,189
Hannover.....	22,274
Brunswick.....	6,784
Bado.....	6,275
Nassau.....	1,625
Anhalt.....	6,000
Hannover.....	11,100
Inglaterra.....	6,000
Francia.....	2,489
Outros diversos pequenos Estados.....	11..... 4,557
Total.....	14,915..... 166,241

Supponda que a proporção do ouro com a prata seja de 15.5 para 1, e acrescentando humas decimas parte de liga para a conversão em moeda, achou-se que a Europa produziria annualmente hum valor de 41,013,055 fr. 76 c. em moeda de prata; somma esta, para a qual a Alemanha só contribui com mais de 470; a Russia com mais de metade; a Austria com 170; a Inglaterra com 300; e a França com menos de 170.

Se a cara fosse sempre o espelho dos sentimentos interiores, bastaria, que vissemos qualquer pessoa para lhe conhecermos o coração; mas não succede assim; por isto bem dizia o fado Juvenal - *fronti nulla fides* - Ninguem se fia em apparencias. Em verdade basta frequentar o grande theatro do mundo para quizer desconfiar-se de que não deve deixar se levar da exterioridade! Quas vezes em quanto hum boca risoua exprime palavras figuradas, e acariofanas, o coração borbulha em desejos de vingança, ou de quanto qualquer paxão malizosa!

Pessoas ha, que pareço, habitão-se a certa fraqueza de natureza, e humida sem que no seu interior haja a mais leve disposição humida. Se encontra pelo primeiro a qualquer individuo, e mais se he conhecido por hum, desluzem-se em afecções para com elle, e quando os vê de fôrta julga, que são dous annos, e velhos, e não se encontra depois de longa ausencia, mas tãdo aquillo he fingido; aquellas palavras são tabelliozas, ali não mora sinceridade - *fronti nulla fides*.

Vem a casa de hum honrado, que me recebe com mil safores, e toda a cortezania; chegada a hora do jantar, por ex., cuido em retirar-me; elle não consente, rugiu-me para que lhe foga companhia; fico eu muito capivo da coerthidade, e hum sculha, com que me tratao tanto muitas vezes está-se dando a pporos por have-lo em procurado a aquella hora, e está ansioso de me ver pouco a pouco, e não sera novidade, que se fiquo recordando ahi apenas me vir no lumiar da porta de rua, chamando-me grossico, impertinente, e caustico.

Meu cordial amigo, diz outro, conte com os meus lous officios, creia que muito a desejo servir, e subleto occasião da lhe mostrar. Quem deixara de se divertir em palavras tão agradáveis, em expressões tão afaveis? Toda via não ha nem sombra de verdade, aquella corção heum longo de trancuro a que sente, está de dez annos e d'ahi he poucos instantes, nem mais se recorda de tantas promessas; e se quizerem experimentar vão pedir ao generoso protector qualquer quantia emprestada. Que mudança de cor! Que desconfiança tão prompta, e acopiada! Ora queixão-se das circumstancias do tempo, ora acobardam a fazer humas despeza horrosas, e dizendo-se sempre desajustado de ser gratiado no seu antigo, nunca chega o ensejo de o mostrar. - *Fronti nulla fides*.

Entre em hum grande roda de partida, ou, como vulgarmente se chama, *assemblea*. Ahi está o imperio das apparencias. De humas parte vejo singelas, que se desconfio amigos, levando a orelha da seta, ou com a mira nos dãos, requizos por arrancar a camisa hum do outro, e entre tanto com hum ar prazeroso, e lustrando se expressões de reciproca amizade. De outra se me antolho dous, ou tres sujeitos, que em estirada conversação prolongada se se inveja palavras amigáveis, quando na realidade nemhum se interessa pelo outro, antes estão se observando reciprocamente para ao depois lartarem em particular a fome nutridoras de seus deters.

Até no bella sexo (quem tal diria?), no mais amavel porção da especie humana (aqui ficão as Sras, muito cheias de si), não faltão fingimentos, e va apparencias (agora com esta quantia apostou-se a todas; têmão de dar-lhes o que dizo dize e verdade, e dar-lhes o que não, que lhes toca, não grado, o amor proprio, que as deslumbram). Me para ver na mesma assemblea os agrados, as festas que se fazem humas ás outras, as expressões acariofadas, de que se servem para significar a reciproca tenura, que se consagra, entre truzto que estão notando tudo para ao depois lhes servir de pasto a malicia. Trajaes milites, maneiros, e mais escapos a lousa acariofadas, de que se servem para significar a reciproca tenura, que se consagra, entre truzto que estão notando tudo para ao depois lhes servir de pasto a malicia. Me para ver na mesma assemblea os agrados, as festas que se fazem humas ás outras, as expressões acariofadas, de que se servem para significar a reciproca tenura, que se consagra, entre truzto que estão notando tudo para ao depois lhes servir de pasto a malicia. Me para ver na mesma assemblea os agrados, as festas que se fazem humas ás outras, as expressões acariofadas, de que se servem para significar a reciproca tenura, que se consagra, entre truzto que estão notando tudo para ao depois lhes servir de pasto a malicia.

Fonte: Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/UNICAMP.

Vemos, pelas imagens acima, que a rubrica "Variedades" podia se dilatar ao extremo, o que mostra que a elasticidade da rubrica na página constituiu-se como uma importante característica do fazer jornalístico brasileiro no XIX. Unindo essa questão aos outros arranjos tipográficos que temos acompanhado nos jornais (textos diferentes que

dividem o mesmo espaço do rodapé, grande variação na altura das linhas e, conseqüentemente, do espaço que o rodapé ocupa na página do jornal), observamos que o espaço também mosaical do alto da página do jornal é extremamente flexibilizado na distribuição brasileira e, a partir daí, parece-nos que essa característica torna-se cada vez mais construtiva de nossas diferenças e, nos limites deste artigo, da forma como se vai estabelecer a crônica no Brasil. Dessa maneira, a coabitação de textos, a não regularidade periódica dos tipos de folhetim que ocupavam o rodapé (crítica teatral, romance-folhetim, revistas dos teatros, entre outros), assim como a aparição irregular do próprio rodapé (observa-se a sua ausência em várias edições do *Jornal do Commercio*) vão delimitando, por sua presença ou ausência em cada edição do jornal, alguns dos traços que fazem parte da força desse espaço, o rodapé. Mas, paradoxalmente, os fenômenos da irregularidade no tamanho e na alternância dos textos no espaço do *bas-de-page* (a compressão de alguns textos por outros, além de outros possíveis “desajustes” do jornal brasileiro em relação ao espaço precisamente ocupado pela alternância das rubricas, a periodicidade), tudo isso parece ter agido a favor da ampliação dos meios formais nos textos brasileiros.

Assim sendo, nossa segunda questão em relação à política como especificidade da crônica brasileira dá destaque justamente à rubrica “Variedades”, da qual viemos discutindo algumas características. No Brasil, tal e qual Marlyse Meyer, estamos convencidos de que a crônica se estrutura a partir da mescla das “Variedades” e “Folhetins” (MEYER, 1992, p.93-134). No entanto, o movimento entre a parte noticiosa do jornal e o rodapé é mais circular do que se pensou até então, sendo também a plasticidade do espaço em que se publicava os folhetins (em geral) fundamental para a formação da crônica brasileira, que se vai definir, ao longo do tempo, como um texto que passa, no tom, do comentário ao literário e ficcional e, no assunto, das amenidades à política.

No Brasil, as “Variedades” aparecem no *Jornal do Commercio* a partir de janeiro de 1834. Tal e qual aconteceu na França, essas colunas extremamente variadas, em forma de relato, falam muito da política exterior (DUMASY-QUEFFÉLEC, 2011, p.925-936), mas nelas não se traduzem diretamente as notícias dos jornais estrangeiros, como pode ocorrer no noticiário do jornal, na rubrica “Exterior”. As “Variedades” aparecem, alternadamente, entre a primeira e a segunda páginas do jornal e podem, não dificilmente, ocupar o lugar da manchete no *Jornal do Commercio*. Ao longo do tempo, os assuntos tornam-se cada vez mais diversificados e a rubrica passa a ser, quase sempre, assinada por pseudônimos. Dessa forma, quando, a partir de 1839, o *Jornal do Commercio* separou, pelo traço horizontal, a página em duas partes, o *haut* e o *bas-de page*, ou o espaço dos textos de informação e do entretenimento, parece-nos que as « Variedades » se teriam combinado com a sociabilidade reduzida da vida carioca à época (que determinava a não regularidade na periodicidade dos vários tipos de folhetim), e que seu espírito de diversidade, sempre atento à política, se teria adaptado àquele do entretenimento, formando as bases da crônica brasileira do XIX, cada vez mais carregada de literatura e ficção ao longo daquele século e do XX. Para isso, é preciso considerar que, tanto no Brasil quanto na França, além de o rodapé abrigar naturalmente o romance-folhetim, foi a rubrica “Variedades” quem acolheu, antes da delimitação do espaço do rodapé, os primeiros textos de ficção mais extensos (Lise Dumasy-Queffélec, *idem ibidem*).

Uma última explicação para o fato de as variedades se constituírem em uma das forças da crônica brasileira está em mais um fato que observamos na rubrica “Variedades”, anteriormente citada (figura 5), aquela publicada no *Jornal do Commercio*, em 20 de janeiro de 1834. Ali, o relato aparece intitulado como “Crônica comercial e industrial. Estatística” (grifo nosso), o que nos mostra que a rubrica “Variedades” podia ser compreendida, antes da independência do rodapé, pelo menos no *Jornal do Commercio*, como a “crônica de alguma

coisa”, relato ou comentário de um assunto, tal e qual as variedades figurarão na crônica, a partir de seu desenvolvimento ao longo do XIX.

Assim sendo, para resumir essas ideias a respeito das rubricas e gêneros nos jornais do XIX, parece-nos que, no Brasil, os contornos da crônica, assim como os dos outros textos publicados no rodapé, foram sempre especialmente maleáveis e que uma das formas assumidas pela crônica brasileira foi a da porosidade entre e a ficção, a política e as variedades, intercâmbio de assuntos e temáticas imitado à facilidade com que se misturavam, plasticamente, no espaço do rodapé, romance-folhetim, crítica literária, variedades, inclusive nas situações de coabitação textual.

3 DO BRASIL À AMÉRICA-LATINA: A CRÔNICA (AUTORREPRESENTAÇÃO)

Sabemos que, ao longo do século XIX, os rodapés dos jornais brasileiros e hispano-americanos abrigaram os romances-folhetim e todas as outras rubricas criadas por essa nova mídia na França do XIX, principalmente traduzidos das páginas dos jornais franceses. “Por que o sucesso [do romance-folhetim] em longínquas plagas, onde não existe ainda a cidade grande, de uma fórmula tão ligada a certo momento social francês, europeu”, perguntou-se anteriormente Marlyse Meyer (1996, p.33), questão que pode ser generalizada para todas as outras formas textuais jornalísticas no XIX.

Pensando na crônica latino-americana, Susanna Rotker identifica-lhe as origens na crônica jornalística francesa de meados do século XIX, especialmente no *fait divers* de *Le Figaro* de Paris (ROTKER, 2005, p.123), o jornal francês mais lido no Brasil e América Latina em geral¹². O ciclo se fecha, assim, para a América-Latina, em torno do modelo francês e das variedades, mas pensando que a continuidade e aprofundamento da pesquisa que embasa este artigo aponta para uma geometria triangular de idas e vindas e de trocas - Brasil (crônica), França (chronique), América Latina (crónica)-, estendemos ainda a ideia da comparação.

A crônica adotou quase sempre uma forma autorreferencial, que conhecemos, por exemplo, sob a pena de Machado de Assis e José de Alencar, em suas recorrentemente citadas crônicas sobre a própria crônica e o fazer do cronista, a partir das quais a metáfora do “colibri”, como definidora da atividade do folhetinista-cronista, já foi abundantemente reiterada¹³. A autorreferenciação vem também a nos mostrar que os textos que preenchiam as rubricas disseminavam modelos que se adaptavam e repetiam livremente. Desde o primeiro

¹² Devo a informação sobre a circulação do *Figaro* na América-Latina ao banco de dados do projeto de Valéria Guimarães na UNESP-Franca, desenvolvido a partir do Programa Jovem Pesquisador FAPESP “As transferências culturais na imprensa na passagem do século XIX ao XX - Brasil e França,” coordenado pela docente-pesquisadora. Resultados do projeto acessíveis em <http://jfb.cedaph.org>.

¹³ A conhecida formulação sobre o folhetim e o folhetinista está, em Machado de Assis, no seguinte trecho de “O folhetinista”, publicado em *O Espelho*, 30 de outubro de 1859: “(...) O folhetim, disse eu em outra parte, e debaixo de outro pseudônimo, o folhetim nasceu do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista. (...) O folhetinista é a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo.(...); (ASSIS, FARIA, 2009, p.55-56). Já em José de Alencar, encontramos-la no *Diário do Rio de Janeiro* em 24 de setembro de 1854: “(...) É uma felicidade que não me tenha ainda dado ao trabalho de saber quem foi o inventor deste monstro de Horácio, deste novo Proteu, que chamam – folhetim;(...)”(ALENCAR, FARIA, 2004, p.54). Machado de Assis usa a notação “crônica” em vários outros textos, por exemplo em *O Cruzeiro*, “Notas Semanais”, 30 de junho de 1878: “Essa usança, que parece ser também um gosto, é companheira daquele bife cru, de que tratei na minha crônica do dia 2 do corrente, com uma diferença, e é que, se o bife entrou nos nossos costumes, a usança não entra, embora sejam um e outro venerados pelos dignos bretões.(...)”(ASSIS, GLEDSON e GRANJA, 2008, p 136). Observemos que os textos de José de Alencar e Machado de Assis não discriminam os termos “crônica” de “folhetim-variedades”, o podemos explicar a partir do deslizamento do “espírito das “Variedades” para o *bas-de-page*, movimento que reforça, justamente, na crônica, o seu o caráter de “folhetim de variedades”.

folhetim de *La Presse*, por exemplo, escrito em 1º. de julho de 1836, Frédéric Soulié compara o folhetim – e não o folhetinista – a um pequeno animal que voa. Depois dos dois primeiros parágrafos, que versam a respeito do que se teria passado caso o folhetim existisse desde a Antiguidade, ele nos diz:

Mas o tempo dessas belas transfigurações alegóricas já passou: e se eu precisasse representar o Folhetim de uma maneira palpável, tudo o que eu ousaria propor aos meus leitores, seria figurar o Folhetim sob o aspecto de uma grande borboleta. Às costas de uma pena [de escrever] que simula o corpo, prendei, como se fossem asas, as duas longas tiras de papel que ledes. Aí está a nossa borboleta (Frédéric SOULIÉ, *La Presse*, 1º. de julho 1836, tradução nossa¹⁴).

Colibri ou borboleta, o folhetim e o folhetinista captam os vários assuntos da semana e espanejam-nos. Em termos de figuração do folhetim/folhetinista, vemos que, a partir de 1º. de julho de 1836, primeiro dia de publicação do folhetim de *La Presse*, as imagens do criador e de sua criação ligadas à metáfora da borboleta se reproduziu até “pousar no caule” do folhetim sul-americano quase vinte anos mais tarde. Quando se pensa na definição do gênero crônica, essas metáforas nos enviam à tensão entre a narrativa e a invenção como natureza e limite da prosa do folhetim: quanto mais o folhetinista inventa/borboleteia e se afrouxa o compromisso com a referencialidade, mais se ultrapassam as fronteiras da crônica, que eram, na versão francesa dos anos 1830-1840, como mencionamos, próximas ao relato e ao comentário “objetivo”; o folhetim-variedades brasileiro guardaria a política, mas tomaria o itinerário da invenção.

Continuando brevemente essas notas comparativas, outras ideias sobre a composição da crônica estão em intersecção com algumas que temos visto até então. Em 30 de novembro de 1889, por exemplo, Ernesto escreveu para o periódico argentino *La Nación*:

O jornalismo e as letras estão de acordo com o diabo e a água-benta. As qualidades essenciais da literatura, com efeito, são uma vigorosa concisão, inseparável de grande trabalho, a elegância das formas (...). O bom jornalista, ao contrário, não pode permitir que sua pena se perca pelos capôs da imaginação. (ERNESTO, *La Nación*, Buenos Aires, 30 de novembro de 1889, rodapé, p.1).

A primeira frase da citação acima poderia, sem dificuldade, integrar as crônicas que Machado de Assis ou José de Alencar escreveram sobre o folhetim/ o folhetinista. Alencar compara a forma textual ao “monstro de Horácio”, a um “novo Proteu”, não longe da impossível síntese entre o diabo e a água-benta. Estão aí sintetizados os males do folhetim, que precisa noticiar com graça, ou conjugar, na pena do escritor, jornalismo e letras. A autorreferencialidade insinua-se, dessa forma, como um excelente caminho inicial para que se coloque em prática uma comparação entre a adaptação das formas jornalísticas aos periódicos nas diferentes latitudes americanas, ao longo do século que viu nascer uma civilização do jornal, a da produção ampla ou em massa, a da difusão jamais antes alcançada, que impôs um ritmo novo ao curso ordinário dos acontecimentos.

¹⁴ “Mais le temps est passé de ces belles transfigurations allégoriques : et s’il me fallait représenter le Feuilletton sous une forme palpable, tout ce que j’oserais me permettre de proposer à mes lecteurs, ce serait de se figurer le Feuilletton sous l’aspect d’un vaste papillon. Au dos d’une plume qui simule le corps, attachez, en guise d’ailes, les deux longues bandes de papier que vous lisez, et voilà notre papillon tout trouvé”.

REFERÊNCIAS

ANDRIES, Lise e SUÁREZ DE LA TORRE, Laura (orgs). *Impressions du Mexique et de France. Impresiones de México y de Francia*. Paris; Cidade del México: Éditions de la Maison Sciences de l'Homme; Instituto de Investigaciones Dr. José María Luiz Mora, 2009.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **O Espelho**. Organização, introdução e notas de João Roberto Faria. Campinas; São Paulo: Editora da UNICAMP, 2009.

_____. **Notas semanais**. Introdução, organização e notas de John GLEDSON e Lúcia GRANJA. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

_____. **Comentários da semana**. Introdução, organização e notas de Lúcia GRANJA e Jefferson CANO. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

CANO, Jefferson. Nas trilhas da crônica. Literatura e imprensa no Rio de Janeiro. In: **Literaturas e escritas da imprensa, Brasil/França, século XIX**. Organização de GRANJA, Lúcia e ANDRIES, Lise. Campinas; São Paulo: Editora Mercado de Letras, 2015, pp. 73-106.

DUMASY-QUEFFÉLEC, Lise. Le feuilleton. In: KALIFA, D.; RÉGNIER, P.;

THÉRENTY, M.E.; VAILLANT, A. **La civilisation du journal**. Paris: Nouveau Monde, 2011, pp. 925-936

GRANJA, Lúcia. Transferências do romance-folhetim: por uma Poética da literatura nos jornais brasileiros. In: **Literaturas e escritas da imprensa, Brasil/França, século XIX**. Organização de GRANJA, Lúcia e ANDRIES, Lise. Campinas; São Paulo: Editora Mercado de Letras, 2015, pp. 131-144.

_____. “Folhetins d’aquém e d’além mar: a formação da crônica no Brasil”. In: **Figurações contemporâneas do espaço na literatura**. Organização de Sérgio Vicente Motta e Susanna Busato. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, pp. 111 – 133.

_____. **Machado de Assis, escritor em formação: à roda dos jornais**. São Paulo; Campinas: Editora Mercado de Letras, 2000.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século XIX**. São Paulo: Nankin Editorial; Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

KALIFA, D., RÉGNIER, P, THÉRENTY, M-È, VAILLANT, A. **La civilisation du journal** Paris : Nouveau Monde, 2011.

MELMOUX-MONTAUBIN. La critique littéraire. In: KALIFA, D.; RÉGNIER, P.;

THÉRENTY, M.E.; VAILLANT, A. **La civilisation du journal**. Paris: Nouveau Monde, 2011, pp. 937-952.

MEYER, Marlyse. **Folhetim. Uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

_____. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica. In: CANDIDO, A. et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas (SP): Ed. da Unicamp; Rio de Janeiro: Ed. Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 93-134.

ROTKER, Susanna. *La invención de la crónica*. México: FCE, Fundación para un nuevo periodismo Iberoamericano, 2005.

THÉRENTY, Marie-Éve. La chronique. In: KALIFA, D.; RÉGNIER, P.; THÉRENTY, M.E.; VAILLANT, A. **La civilisation du journal**. Paris: Nouveau Monde, 2011, pp. 957-958.

THÉRENTY, M-E. **La littérature au quotidien – Poétiques journalistiques au XIXe siècle**. Paris: Seuil, 2007.

THÉRENTY, M-E. et VAILLANT, A (dir). **1836, L’an I de l’ère médiatique. Analyse littéraire et historique de La presse de Girardin**. Paris: Nouveau Monde, 2001.

VAILLANT, Allain. Identités nationales et mondialisation médiatique. In: **Impressions du Mexique et de France. Impresiones de México y de Francia**. Org. De Lise ANDRIES e

Laura SUÁREZ DE LA TORRE Paris; Cuidade del México: Éditions de la Maison Sciences de l’Homme; Instituto de Investigaciones Dr. José María Luiz Mora, 2009.

PERIÓDICOS

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, anos de 1836 a 1853.

La Nación, Buenos Aires, 1889.

La Presse, Paris, 1836.

Recebido em: 09 de julho de 2015.

Aceito em: 29 de julho de 2015.